

## Abaixo de zero

Sarney

Wilson Figueiredo \*

Um empresário saiu do primeiro encontro com o presidente, no começo dessa história, impressionado com a sua pressa de concordar com o interlocutor.

Com o tempo, Sarney aprendeu a dominar a ansiedade, mas uma aflição maior passou a devorá-lo mais para o fim. Quer, porque quer, que a História adiante a sua consagração a título de indenização pela impopularidade que ninguém teve igual. É constrangedor ver o presidente anunciar em público os próprios méritos para comprometer a curto prazo a História que só trabalha a perder de vista.

Todas essas circunstâncias já deixaram de interessar politicamente. No entanto, a procura de explicações, tanto quanto possível objetivas, se estenderá para além do mandato. Ficam faltando as subjetivas, que se ajustam melhor ao temperamento supersticioso de Sarney até que a História lhe faça justiça pelas próprias mãos.

Não percebeu o presidente com quem estava falando ao exigir da História o reconhecimento antecipado. Ao afirmar que "a verdade histórica é absolutamente impossível", Gore Vidal (*Messias*, Rocco, 1990) — reconheceu que a mentira exerce uma função social indispensável entre a mestra da vida e os homens públicos.

Como o presidente Sarney conseguiu fazer um governo tão ruim, com as enormes facilidades de que dispôs? Teve apenas aquela meia oposição que o PMDB fazia com o tempo que lhe sobrava da faina de ser meio governo.

Em sua objetividade, os fatos podem deixar de implicar com ele, mas repassam ao inesgotável subjetivismo à explicação capaz de preencher o vazio aberto pela História. Nada de exemplos, porém, nos últimos dias. Procuram-se causas, se possível objetivas, mas aceitam-se as outras se forem persuasivas. Sarney foi capaz de afirmar, na sua última quinta-feira, que o grande feito econômico do seu governo foi levar a inflação abaixo de zero. Ele acredita realmente que o IPC sobe e desce como temperatura.

Pode ainda assim dar-se por feliz um presidente que não teve de se haver com uma oposição como a que faziam os udenistas, que garantiram a JK o equivalente a 50 anos de má

vontade nos cinco do seu mandato. A inflação empurrou Sarney para uma História negativa mas não o impede de recorrer ao saldo alheio, pois a democracia para ele é conta conjunta. Nem os seus antecessores imediatos contam.

Mandou retirar parte do entulho autoritário, mas para o contribuinte será difícil esquecer as comitivas que superlotavam os aviões nas viagens ao exterior, a faixa presidencial sob o fardão acadêmico, o hábito de falar espanhol à brasileira, a edição francesa do seu romance e o vinho com o seu nome. A crise do álcool que deixou a pé a classe média. Tudo pede tempo para ser esquecido.

A democracia tem muito mais, portanto, a receber de Sarney do que a devolver-lhe. O presidente vai sair sem fechar a conta, e mais adiante alegrará um saldo que não poderá provar que é seu. Quando a chapa da falecida aliança democrática venceu, na cabeça presidencial à conta dele com a democracia ficou quitada. E, tendo exercido a presidência inteirinha, acha que sobrou o suficiente. É difícil lidar com um cliente tão subjetivo.

Pelo que Sarney disse na última sessão ministerial da Nova República, não é difícil adivinhar o que dirá mais adiante quando for ex-presidente. Se tiver êxito o estilo fulminante de Collor trabalhar com o raio na mão, o ex-presidente dirá, num meio sorriso, que o sucesso se deve a ele. Reclamará a sua parte. Caso contrário, devolverá a diferença: se ele, que botou a inflação abaixo de zero, não conseguiu, como podia um garoto ter a pretensão de resolver no atacado? O meio sorriso virá entre parênteses.

As idéias que estiveram à disposição de Sarney não conseguiram em cinco anos convencer um político que se formou nos anos 50 e 60. Sarney desconfia do discurso antiestatizante e acha que o nacionalismo tem razões que não precisa explicar. A hesitação presidencial pode muito bem ter sido o efeito paralisante do choque entre a formação política e a oportunidade que chegou tarde, quando já estavam velhos o nacionalismo, a estatização e o próprio Sarney.

Para quem, não tendo mais a quem apelar, entregou a alma à História — que também é filha de Deus e, por sua vez, tem os seus fiéis —, Sarney sai com o mérito extraordinário de não

ter atentado contra as liberdades democráticas. A modestia é que continua atrapalhando as relações do presidente com os cidadãos. Passar a noite a bordo de um porta-aviões (para não dormir em terra no Rio) não atenta contra a liberdade.

Uma injustiça que não mais poderá ser feita é a atribuição do interesse pessoal de Sarney no mandato de cinco anos. Foi interesse público, como ficou demonstrado. Ele quis apenas evitar — e evitou — que Leonel Brizola viesse a ser o seu sucessor, conforme garantiam as pesquisas quando ciscavam as intenções de voto antes.

Sarney sabia o que estava fazendo (em relação a Brizola) quando adiou por mais um ano a eleição presidencial direta. Estava longe, porém, de imaginar que estivesse garantindo o lugar a Fernando Collor, que contava apenas um ano de governo estadual, e logo o de Alagoas. A cabeça presidencial pensou por todos os candidatos: os derrotados estavam de acordo, menos o próprio Brizola, que era a vítima.

A História lhe reconhecerá o empenho de proporcionar uma oposição à altura das necessidades que o PMDB, dividido entre fazer isto e governar, já não aguentava. Muitas vezes atendeu a contragosto as razões de Estado. E, com grande prazer, as razões do Maranhão.

Deu-se mal na convivência com as pesquisas de opinião, e com a própria, por exigir delas o mesmo que insiste em obter da História. Tem pressa excessiva em discordar do que dizem elas, ao contrário do que faz com os interlocutores, com os quais concorda antes de ouvi-los.

Já é tempo de Sarney pensar na autobiografia antes de virar livro de biografia escrito por terceiros. Sarney é escritor e pintor, e pode fazer um retrato melhorado para substituir este que os brasileiros fizeram dele; escondido atrás da alegação de que "fez o que podia".

Quem não precisa fazer coisa alguma é a História. Que façam por ela os governantes. Os governos que contam para a História são os que fazem o que podiam. Um governo tem que se exceder. Governantes devem tentar o impossível.

Era inevitável este fim num governo que teve aquele começo.